

Fernando Molica

Canções nas esquinas das nossas histórias

Comecei a acumular milhagem em shows do pessoal do Clube da Esquina a partir de outubro de 2018, poucos dias antes do segundo turno da eleição. Foi quando fui ao Circo Voador assistir a uma apresentação do Lô Borges — algo que, na época, representou um réquiem da democracia.

Estava evidente que a eleição seria vencida por um deputado que tinha um torturador como herói, defendia a ditadura implantada em 1964, propusera guerra civil e fechamento do Congresso, pregara o fuzilamento de Fernando Henrique Cardoso e da “petralhada”, comparara parentes de desaparecidos a cães que procuram ossos.

Não se tratava de uma simples disputa entre direita e esquerda, algo normal e desejável numa democracia. É essencial que teses mais pra lá ou mais pra cá sejam oferecidas à população de maneira previsível e regular — e que vença quem tiver mais votos.

Em 2018, porém, não havia uma disputa como as do PT contra o PSDB (ou mesmo, contra Fernando Color de Mello). O Brasil estava prestes a entronizar

um ex-capitão que não escondia suas posições, que tivera sua passagem pelo Exército marcada pela indisciplina.

Um oficial convidado a se retirar da Força após um processo em que chegou, na primeira instância, a ser condenado por articular um plano terrorista que incluía a colocação de bombas em quartéis.

Um homem que negava conquistas civilizatórias essenciais e negava o simples e óbvio reconhecimento de direitos básicos de cidadãos que pagam impostos, independentemente de sua cor, etnia, religião e orientação sexual.

O show de Lô Borges, assim, era algo deslocado, remetia não ao futuro, mas nos jogava no passado, à ditadura — o disco Clube da Esquina foi lançado em 1972, no auge da repressão.

Aqueles jovens mineiros, de um modo geral, não batiam de frente com o autoritarismo de maneira tão explícita. Há, naquele que é um dos melhores álbuns do mundo, versos que podem ser lidos como referências aos tempos tão duros: “Que notícias me dão dos amigos? Que notícias

me dão de você?” (‘Nada será como antes’, Milton Nascimento e Ronaldo Bastos).

Mas os sócios daquele clube que criou um movimento tão belo e singular, que de certa forma refletia a posição geográfica de Minas Gerais — no centro do país —, falavam principalmente de temas mais etéreos, ligados à liberdade e, mesmo, a experiências sensoriais, trens azuis, girassóis da cor do cabelo da amada.

Cercados de montanhas e de ditadura, tratavam de juventude, de prazer — amar em meio à repressão é também uma forma de protesto. Em 1979, a canção ‘Clube da esquina nº 2’ (Milton e Lô) ganharia letra mais explícita de Márcio Borges, citava “tantos gases lacrimogênicos” e reafirmava os sonhos que não envelhecem.

Ouvir essas canções nos anos 1970 representava acolhimento, consolo, expectativa de dias melhores. Em outubro de 2018, elas cantavam uma derrota anunciada. Não de um candidato, isso é o de menos, mas da esperança. Eram os canhões que, mais uma vez, vençiam as flores.

Sérgio Cabral*

Emendas parlamentares

As emendas parlamentares são satanizadas pela grande mídia. Mau uso por parte de autores e de quem as recebe, prefeitos e governadores, na sua aplicação, por incompetência ou esquemas de corrupção, ou pelas duas razões.

Mas a má aplicação do dinheiro público não é exclusividade de eventuais emendas parlamentares. Quantas obras e serviços públicos são mal feitos pelos executivos federal, estadual e municipal no Brasil, que não são frutos de emendas parlamentares? Que ficam por aí, inacabadas, com sobrepços e mau uso do dinheiro público?

Não é justo amaldiçoar as emendas parlamentares. Nada mais legítimo que um parlamentar participar e interferir na direção do orçamento. Sem dúvida, um dos momentos mais nobres da atuação parlamentar é a sua participação no orçamento.

Como também, nada mais legítimo que o executivo estabelecer suas prioridades, respaldadas nas urnas, no bojo do orçamento. Cabe

ao executivo, nas negociações com o parlamento, estabelecer esses parâmetros e que as emendas sigam na mesma direção das prioridades orçamentárias do governo. Assim funciona nos países civilizados. Parlamentares norte-americanos, canadenses, alemães, japoneses, etc, têm muita força e interferência nos orçamentos de seus países, estados e municípios.

Como governador do Rio, pela experiência anterior de 8 anos como presidente da Alerj, estabeleci com o legislativo estadual minhas prioridades. Daí que os deputados tinham direito a um determinado valor no orçamento estadual para propor de emendas, em consonância com as metas do executivo, e funcionou muito bem.

Senadores e deputados federais, deputados estaduais e vereadores têm legitimidade para interferir no orçamento, desde que dentro de regras republicanas. Mas essa prerrogativa não pode ser desprestigiada. Deve ser acompanhada pelos órgãos de controle,

pelo judiciário, pela imprensa e pela sociedade.

O ministro do STF, Flávio Dino, pela sua exitosa experiência como governador, deputado federal e senador da república, estabeleceu uma linha de conduta correta. Respalda pelos demais ministros da Corte. E o fez para salvar o instrumento das emendas parlamentares. Pois do jeito que a polémica e a falta de um entendimento caminhavam, haveria uma ruptura institucional entre executivo e legislativo.

As emendas parlamentares tiveram seu auge na fragilidade política-institucional do governo Bolsonaro. Que fez a campanha eleitoral com críticas duras ao Congresso Nacional. Desprezo aos partidos políticos e às instituições. Mas para obter governabilidade acabou por gerar distorções no instrumento das emendas parlamentares. Creio que a partir da decisão do ministro Dino, houve um saudável freio de arrumação no assunto: emendas do parlamento são legítimas e passam a

Jair Bolsonaro não enganou ninguém, e, ao longo de seu mandato, procurou cumprir todas as suas promessas. A julgar pelas investigações, até golpe tentou. Em 2019 e 2020 bati cartão em apresentações de Milton no Rio, era preciso aproveitar a que seria a penúltima de suas turnês.

Fui agradecer a beleza que nos proporcionou e o compartilhamento da utopia ligada a um país que, poucas décadas antes, acreditávamos que renasceria do fundo de uma longa noite.

Em 2022, voltei a um show do Lô Borges, desta vez no Teatro Rival. Ali as canções indicavam um novo sentido, mais próximo do original, viagem de ventania. Há pouco mais de uma semana, fui vê-lo de novo, ele e Beto Guedes se apresentaram na Arena Jockey.

Agora não houve angústia ou expectativa, o que marcou mesmo foi a beleza e a força de tantas canções que dialogam com o país, com a história e com os sentimentos de cada um, que ajudaram a segurar tantas ondas. Esquina mais de um milhão, gente, gente, gente.

EDITORIAL

Rio-SP, um acidente no meio do caminho

Motoristas que se deslocam na Rodovia Presidente Dutra, que liga as duas principais metrópoles do país, Rio e São Paulo, convivem diariamente com um sério problema: os constantes congestionamentos. Quem viaja com horário de chegada vive momentos de incerteza, principalmente na Serra das Araras, no trecho de descida, sentido Rio.

É quase diário o registro de acidentes e, consequentemente, os congestionamentos de quilômetros. No último sábado, dia 21, não foi diferente. Um caminhão tombou na pista de descida da Serra das Araras, em Pirai, e o congestionamento passou de 30 km.

A Polícia Rodoviária Federal, que atende as ocorrências na Rodovia Presidente Dutra, informou que o tráfego aumenta em cerca de 20% nessa época por conta do Natal e do Réveillon. Além dos automóveis, há também um crescimento no fluxo de caminhões. Ou seja: haja paciência.

A CRRioSP sempre que é procurada pela imprensa para comentar os inúmeros acidentes que travam a rodovia diz que faz obras que visam melhorar o fluxo na principal ligação entre o Rio de Janeiro

e São Paulo, e reduzir o número de acidentes.

Realmente, a concessionária iniciou esse ano um investimento bilionário na Serra das Araras. O valor da obra é de R\$ 1,5 bilhão e faz parte de um investimento de R\$ 14,8 bilhões previstos pela CCR RioSP na Dutra e na Rio-Santos.

Estão previstas a construção de 24 viadutos, duas rampas de escape na pista de descida, melhoria em 14 pontos de acesso e a implantação de uma via marginal na pista sul, sentido São Paulo.

O detalhe é as obras vão durar, no mínimo, 52 meses. A previsão da CRRioSP é de que a nova pista de subida seja entregue em 2028 e a de descida em 2029. Até lá, os motoristas ainda têm muito amargor para trafejar na rodovia.

Além disso, embora seja efetuada para trazer melhorias, as obras obrigam o fechamento da Serra das Araras em dias de explosões de rochas, necessárias para ampliar as pistas. Isso no sentido Rio-São Paulo.

Na descida da mesma serra, sentido São Paulo-Rio, o problema nesse trecho são os acidentes, principalmente envolvendo caminhões.

40 piscinas olímpicas

O primeiro teste pode estar próximo. O ano termina em Brasília, e já começa o período de fortes chuvas que costumam cair sempre em janeiro. Com as chuvas, a capital vive com alguns transtornos. Especialmente os alagamentos em áreas como o começo da Asa Norte. Na passagem abaixo da tesourinha que leva à 202 Norte, por exemplo, não raramente costuma se instalar literalmente uma cachoeira.

Se esse sempre foi um problema, ele se agravou após a construção do Estádio Mané Garrincha. A concretagem em torno do estádio, em um ponto mais alto, aumentou o volume de água a escoar dali rumo ao Lago Paranoá, passando por esses pontos da Asa Norte.

O Drenar-DF é o grande projeto do Governo do Distrito Federal (GDF) para sanar esse problema. Nada menos que 108 túneis estão sendo construídos desde a área por trás do Palácio do Buriti e do próprio estádio até o reservatório no Parque Urbano Internacional da Paz, no Setor de Embaixadas Norte, próximo ao Lago Paranoá.

Esse imenso reservatório terá capacidade para reter até 96 mil metros cúbicos de água. É o equivalente ao volume de 40 piscinas olímpicas. Em alguns pontos, os túneis do Drenar-DF chegam a 22 metros de profundidade. A primeira etapa do projeto está próxima de ser concluída. Brasília já sentirá ano que vem os efeitos da obra?

Sérgio Nery*

O brilho de um jovem brasileiro chamado João

O esporte brasileiro viu o despertar de um puro talento na tarde deste domingo. João Fonseca, tenista carioca de 18 anos, se sagrou campeão do Next Generation ATP Finals, torneio da Associação de Tenistas Profissionais que reuniu, em Gidá, na Arábia Saudita, os melhores jogadores jovens - com até 20 anos - do mundo.

Para se ter uma ideia do feito, a competição criada em 2017 já teve no lugar mais alto do pódio tenistas como Jannik Sinner, atual número 1 do mundo, e Carlos Alcaraz, detentor de quatro títulos de Grand Slam.

Além de ser o primeiro sul-americano a vencer o Next Gen Finals, o jogador de 18 anos e 3 meses de idade é apenas o segundo mais jovem campeão do evento, ficando atrás apenas do próprio Sinner, que tinha 18 anos e 2 meses quando venceu a competição, em 2019.

A conquista do carioca, atual #145 do ranking mundial, obviamente não o coloca no mesmo escalão destes tenistas já consolidados no topo do esporte, mas mostra que o caminho traçado pela equipe e família de Fonseca tem fluído muito bem, como deixa claro o grande resultado alcançado.

Mais do que a solidez em qua-

dra e a coragem demonstrada por Fonseca nos momentos cruciais da vitória por 3 sets a 1 contra o americano Learner Tien (19 anos, #122 do mundo), a força mental do garoto do Rio de Janeiro chamou a atenção.

Fonseca foi o último atleta qualificado para o evento e não se esperava muito dele. Todavia, após atropelar os adversários na campanha até a final, entre eles o francês Arthur Fils, top 20 no ranking da ATP, o brasileiro mudou o cenário e chegou à final como favorito. E logo no primeiro set teve sua confiança colocada à prova, vencido sem muitas dificuldades pelo adversário com um tênis agressivo e dominante.

Era preciso reagir rápido para não sucumbir à pressão, já que o torneio é disputado em um formato diferente do habitual, em melhor de cinco sets com cada parcial indo apenas até quatro games. E o jovem se mostrou naturalmente maduro, especialmente no segundo set, quando viu o rival ter um set point para abrir 2 a 0 e estar prestes a colocá-lo em um grande buraco.

No entanto, no momento de mais tensão, Fonseca fez o que faz de melhor - jogou o seu tênis. Salvou o set point com um saque perfeito, dominou o tie break e a par-

tir dali, tomou as rédeas da partida. No fim, aplicou 2/4, 4/3(8), 4/0 e 4/2 impondo seu belo e, ao mesmo tempo, moderno estilo de tênis.

No tênis, talvez mais do que em qualquer outro esporte, a força mental é um elemento essencial. Trata-se de um esporte individual e extremamente desgastante física e mentalmente, onde todas as decisões são tomadas pelo próprio jogador, sem contar com a ajuda de mais ninguém. Ver a reação de Fonseca, no auge de sua adolescência, abre um leque para um futuro promissor.

Dominar os fundamentos e bater forte na bola, todos os tenistas de alto nível sabem. A força mental, a capacidade de se perdoar rápido após os erros e sempre acreditar em você, é o que diferencia campeões como Djokovic, Nadal e Federer, as maiores lendas deste esporte.

O jovem carioca demonstrou em seu primeiro grande desafio, na estreia em um grande palco do tênis mundial, que a cabeça vai muito bem, obrigado. Resiliente e corajoso, ele mostrou do que é capaz.

O caminho é muito longo e árduo, além de imprevisível. Fonseca sabe muito bem disso. Apesar de se mostrar vocacionado para esse esporte, ele quase optou pelo

tênis universitário ao invés de se profissionalizar este ano. Só optou mesmo em dar o salto no escuro para o ATP Tour, após um grande desempenho no último Rio Open, quando jogou como convidado e alcançou as quartas de finais. Essa postura centrada, com senso crítico e de oportunidades, mostra que o jovem João Fonseca e sua equipe têm um plano.

Que não comece um ‘oba oba’ exacerbado ao seu redor, nem por parte da imprensa ou pelo público, como infelizmente se costuma fazer no Brasil quando um talento emerge. Que não sejam feitas comparações descabidas com o gênio Guga Kuerten. João Fonseca tem seu caminho próprio, trilhado com muito suor e lágrimas.

A conquista de João Fonseca é fantástica e surpreendente. Ponto final. Como amantes dos esportes, nos resta apenas acreditar nele, assim como ele mesmo nos demonstrou durante toda a semana. Sua postura em quadra e a forma de encarar os desafios e tentações impostas pelo tênis e pela vida, nos dá esperanças de que veremos por diversas vezes aos domingos um brasileiro chamado João.

PS: Feliz Natal!
*Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho

Opinião do leitor

Recesso parlamentar

Os nossos “nobres parlamentares” vão entrar em recesso. Mas eles mal trabalham diariamente. Não seria só uma continuidade do ato de não fazer nada? Enquanto sustentarmos as mordomias dessa gente, nunca avançaremos.

Luiz Barbosa Sobrinho
São Paulo - São Paulo

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente)
comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima
Serviço noticioso: FolhaPress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação)
Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22775-057
Brasília: ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes -
Brasília - DF - CEP: 71.736-20
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.

*Colunista do Correio da Manhã